

MARIANA ISABEL SOUSA MARINHO

HABITAR NO PARQUE
UM EQUIPAMENTO E UMA CASA EM PEGRO

Trabalho de Projecto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Arquitectura realizado sob a orientação científica de *Arqto. Michele Cannatà*

Julho, 2019

Declaro que esta(e) Dissertação / Trabalho de Projecto é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

Porto, de de

Declaro que esta Dissertação / Relatório / Tese se encontra em condições de ser apreciada (o) pelo júri a designar.

O(A) orientador(a),

Porto, de de

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é um longo percurso, que inclui inúmeros desafios, tristezas, alegrias, reúne contributos de várias pessoas, indispensáveis para encontrar o melhor rumo em cada momento deste longo percurso.

Este trabalho só foi possível com o apoio e força de várias pessoas, a quem dedico especialmente este projeto.

Aos meus dois orientadores, Fátima Fernandes e Michelle Cannatá por todo o interesse e disponibilidade que demonstraram ao decorrer deste trabalho e pelos saberes que me deram a conhecer.

Às minhas duas 2Marias, Ana e Samara pelo carinho e amizade ao decorrer deste percurso académico.

À Beatriz, por todo o apoio e paciência. Grata pela nossa amizade.

Às minhas amigas, que apesar de seguirmos caminhos diferentes, fomo-nos apoiando para que o caminho fosse em frente.

Aos com quem vivo e amo, pela paciência, carinho e dedicação que me proporcionaram.

Ao Luís por todo o apoio, carinho e paciência nos momentos menos bons até ao fim deste percurso.

E um especial obrigado aos meus PAIS, por todo o incentivo e sacrifícios para um futuro melhor, que sem eles nada disto era possível.

Um muito **OBRIGADO**.

ÍNDICE

ÍNDICE

RESUMO/ABSTRACT	09
CAPÍTULO I	
INTRODUÇÃO	13
OBJECTIVOS E METODOLOGIAS	17
CAPÍTULO II	
REABILITAÇÃO URBANA	19
LABORATÓRIO DA PAISAGEM, GUIMARÃES	21
CAPÍTULO III	
COMO INTERVIR NO CENTRO HISTÓRICO DO PORTO	23
PARQUE ORIENTAL DA CIDADE DO PORTO	27
A CONSERVAÇÃO DE UM NÚCLEO HISTÓRICO DA CIDADE DO PORTO	
CAPÍTULO IV	
RUÍNA	31
CASOS DE ESTUDO	35
INTERVENÇÃO DO ARQUITECTO SOUTO MOURA	39
INTERVENÇÃO DO ARQUITECTO FERNANDO TÁVORA	41
CAPÍTULO V	
ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO PARA PEGO NEGRO	43
CAPÍTULO VI	
CONCLUSÃO	47
ÍNDICE MAPAS	51
ÍNDICE IMAGENS	53
BIBLIOGRAFIA	55
WEBGRAFIA	59
ANEXOS	60



RESUMO/ABSTRACT

Palavras-chave: Rio Douro; Paisagem; Recuperação; Degradação

Entre margens do Rio Douro, a cidade do Porto desfruta de uma estrutura urbana e paisagem incomparável.

Percorrendo pela cidade do Porto, pela zona histórica da cidade, deparamo-nos com uma crescente degradação e abandono do edificado, originando a falta de população no lugar.

Em tempos actuais em que visitantes e jovens se direccionam só para a baixa do Porto, é de grande importância perceber o abandono aos núcleos históricos mais reservados e esquecidos da cidade.

O importante não é só a recuperação do próprio edificado em si, mas também a importante recuperação dos valores do lugar, indo ao encontro do regresso da vivência do núcleo histórico.

Falando de Portugal, Norte do País, rico em paisagens invejáveis, muitas delas esquecidas, outra talvez não conhecidas que se podem tornar em pequenos grandes lugares da cidade do Porto.

Paisagens estas da Natureza com implantação de alguns edifícios tradicionais em completa degradação muitas delas em ruína, como se ali não existisse vida. Como se o tempo tivesse parado mas com possibilidade de um passado voltar a um futuro ainda melhor.

Pretende-se com este trabalho, a estratégia de reaviver a aldeia esquecida do Norte Portugal, com um equipamento de apoio a todos os visitantes e moradores do lugar.

RESUMO/ABSTRACT

“Todas as cidades são bonitas, até as feias. O que há são cidades mais ou menos fáceis ou difíceis... Acho que o que me interessa na construção de uma cidade é a sua capacidade de transformação, qualquer coisa como o desenvolvimento de um homem que tem, desde o seu nascimento, determinadas características e uma autonomia suficiente, uma estrutura de base, podendo acolher ou resistir às mudanças da vida. Isso não significa uma perda de identidade. O lugar vale pelo que é, e pelo que quer ser.”

SIZA VIEIRA, Álvaro: “Em busca da serenidade” in archiNew

Keywords: Douro river, Landscape, Rebuilding, Degradation

The city of Porto, with the beautiful Douro River running through, enjoys a spectacular and incomparable urbanist structure and landscape. Waing around the city, specially in the historical arteries we are exposed to rising abandonment and degradation of building and older constructions, which will consequently lead to the loss of population in those áreas.

In fact, in the presente days when both younglings and visitors eep their attentin solely in the downtown área, the understanding of the abandonment reasons of the most reserved and forgotten historical neighbourhoods is of great importance and urgency.

In recovering the buildings, we are not only improving and requalifying neighbouhoods but also ameliorating the living standards and social values of said places, making it possible to go back to old habits and traditions. Taking focus on Portugal, specially to North of the country, with its splendid and blessed landscapes, some of them by many forgotten while others still awaiting to be revealed, i tis impossible not to think of the small little places that can become the next big thing in Porto.

Concomitantly, some of these natual landscapes have been implemented with traditional buildings that are now degraded and in ruins, as if life, once happy and filled with joy, was taken from them. As if the clock stopped ticking and time stopped. But it between the ruins there is hope growing and planning of a better future.

Thus, the aim of this thesis is to strategize the rebirth of the forgotten village in the North of Portugal, wiith the appropriate equipment to help both the tourist and the people tha cal it home.



MAPA 1

INTRODUÇÃO

Com o passar dos anos, os núcleos rurais foram alvo de consequência da industrialização perdendo a sua caracterização. As ruínas foram adquirindo vários significados, muitas delas como fonte de trabalhos académicos.

Estas paisagens que nos marcam hoje, de épocas passadas em núcleos rurais, são qualificados com a crescente degradação dos mesmos, contribuindo para a deteiorização da qualidade ambiental e urbana da cidade no qual estão inseridas. Pego Negro situado na freguesia de Campanhã, do distrito do Porto foi uma das aldeias esquecidas, deixando com que as forças da Natureza tomasse conta do lugar, restando agora construções em grande degradação muitas delas em ruína e espaços desaproveitados devido aos estragos ao longo do tempo.

É um dos núcleos rurais degradado de uma realidade que já ali existiu, perdendo a sua identidade. Em tempo actuais a recuperação de edifícios tem vindo cada vez mais importância na arquitectura.

Neste trabalho, mais concretamente na recuperação de aldeias esquecidas e desvalorizadas em Portugal, a arquitectura intervêm como elemento não só paisagístico mas também como valor patrimonial destes lugares esquecidos ao longo do tempo, protegendo-os de toda degradação presente no lugar.

Este trabalho do quinto ano engloba cinco intervenções de cinco alnos. Embora se desenvolvam em pontos estratégicos da área de intervenção todos eles se relacionam.



As cinco intervenções desenvolvidas denominam-se como “Um edifício pedagógico”, “ Aumento da área percorrível com apontamentos arquitectónicos”, “Habitação social”, “Reconstrução de um indústria” e “Requalificação do núcleo histórico de Pego Negro”. Todos estes trabalhos com a finalidade de reaviver o lugar não desprezando o devido valor ali existente. Estes trabalhos têm finalidades comuns no que diz respeito à valorização e preservação da paisagem de Campanhã. Cada projecto tem o su enunciado, o que permite trabalhar a escalas diferentes oermitindo a troca de informação na elaboração de cada trabalho.

Pretende-se criar um plano de intervenção para evitar o desaparecimento de um lugar com tanta história na memória dos povo portuenses.

Com o desenvolvimento deste trabalho procura-se uma estratégia de reabilitação do núcleo histórico de Pêgo Negro, com valor patrimonial, requalificar as paisagens demonstrando o verdadeiro aspecto da aldeia com uma arquitectura diferente mas ao mesmo tempo distinta, não fugindo as marcas da vida anterior em Pego Negro.

Assim desenvolve-se um equipamento de apoio aos habitantes do núcleo histórico de Pego Negro e uma possível proposta de habitar para o dia-a-dia que nos dias de hoje se encontram em pleno abandono.

OBJECTIVOS E METODOLOGIAS

Tendo como objecto de trabalho as ruínas do núcleo de Pego Negro tomadas pela Natureza, o objectivo deste trabalho é na prática restaurar a aldeia de modo a dar resposta às necessidades necessárias podendo usufruir do Parque oriental da cidade do Porto. A nova proposta não copia a arquitectura tradicional existente mas também não discrimina os conceitos ali distintos das marcas de um passado ali vivido. Para isto foi preciso uma fase inicial de recolha de informação da aldeia.

Numa primeira fase foi preciso a escolha e justificação do tema em questão, recorrendo a várias visitas ao lugar, mas uma primeira em conjunto com os alunos do mesmo tema e com os docentes em questão para uma primeira impressão ao lugar. Uma só visita não foi o suficiente, o que foi necessário a visita ao lugar inúmeras vezes, as necessárias para a compreensão de tudo o que era preciso. Recorrendo também a um levantamento fotográfico, esquiços do lugar o que facilitou o desenvolvimento do trabalho.

Numa segunda fase, foi necessário visita a bibliotecas para consulta e materiais de apoio do estudo em questão. Visita guiada ao salão de festas da Associação de moradores de Pego Negro com o Senhor Joaquim, actual presidente da associação.

Numa terceira e última fase, foi elaborado a proposta de intervenção com a ajuda de plantas, cortes quer do equipamento quer da ruína a escalas necessárias para a compreensão do projecto em questão. Recorrendo mesmo ao detalhe construtivo.



Reabilitação Urbana

A II Guerra Mundial provocou em muitas cidades a destruição de muitos centros históricos ficando completamente destruídos. Apareceram vazios enquanto espaços físicos da cidade, mas repletos de significado e memória. Só recuperando os vários vazios da cidade é que se consegue uma total recuperação e revitalização da cidade por inteiro.

Hoje, algumas cidades possuem espaços no seu centro. Recuperaram algumas áreas do seu tecido urbano, mas com a industrialização, começaram a sua expansão, permanecendo esquecidos no seu interior, aguardando com a sua recuperação e o seu papel na cidade.

Actualmente a visão já é outra. Observamos estes espaços de um modo diferente, em que se começa a perceber a necessidade de os recuperar para a cidade.

Contudo, muitas cidades ainda se encontram com muitos destes espaços abandonados, sem saber bem como intervir neles, como os recuperar de volta para a cidade, esquecendo que têm que ser sempre vistos em conjunto, pois só assim provocam um forte efeito de mudança no carácter dos mesmos. Este trabalho vêm demonstrar como se deve projectar em cada um desses vazios, pois cada lugar tem a sua memória.

O EXEMPLO DO LABORATÓRIO DA PAISAGEM, GUIMARÃES

O edifício localiza-se, na Veiga de Creixomil em Guimarães numa área com interesse a nível paisagístico, classificada, de acordo com o Plano Director Municipal de Guimarães, como reserva ecológica nacional (REN), a sudoeste do centro histórico da cidade de Guimarães.

A intervenção insistia num programa que os espalos interiores fossem eficazes e simples para o novo uso em questão e a nível exterior a proposta pretendia em identificar o tempo, o passado e um novo futuro de forma a não distorcer a história do edifício. Para isso os elementos em alvenaria de pedra mantiveram-se de serem tratados e limpos, e a nova intervenção foi executada com um material que fosse distinguido no meio daquela vegetação da envolvente e que fosse um edifício que ali se destacasse.

Cabe como responsabilidade dos arquitectos a resolução das problemáticas do território, da sua transformação e reabilitação.





MAPA 2

COMO INTERVIR NO CENTRO HISTÓRICO DO PORTO

Foi durante o século XIX e a primeira metade do século XX que o centro histórico sofreu pressões urbanísticas, sociais e económicas nas quais a cidade histórica não estava preparada nem nas suas infraestruturas nem no seu edificado.

Com isto, na segunda metade do século XX, surgiram espaços vazios, degradados e abandonados, no interior da cidade. Espaços estes que permitem a aproximação da cidade ao rio, outros perto do centro, outros com óptimas condições de transporte e solução do dia-a-dia.

A cidade do Porto limitou-se a crescer em direcção aos seus limites e periferias esquecendo-se de lugares com grandes oportunidades projectuais.

Com este crescimento afastando-se do centro, direccionado aos seus limites, em direcção à periferia, o interior foi ficando esquecido impossibilitando a possibilidade de requalificação do lugar, para novas oportunidades de novos espaços, com novas vivências, considerando a ver a cidade como um todo.

Campanhã, uma das freguesias mais populosas da cidade do Porto, que evidencia a marca de grande ruralidade, com cerca de 32 mil habitantes faz com que grande parte dos habitantes residam em bairros ou ilhas. Para quem não lá reside, associa Campanhã à estação de comboios inaugurado no ano de 1875, altura em que maior parte do território oriental do Porto era maioritariamente terrenos agrícolas, que eram fonte de abastecimento dos mercados da cidade.



Campanhã foi uma das freguesias que mostrava baixos índices de desenvolvimento ao contrário das freguesias periféricas do centro da cidade. A fins do século XIX a indústria teve uma forte quebra o que nos resta nos tempos de hoje são paisagens marcadas pelas muitas fábricas em ruína (mais aproximadamente na zona do freixo). Isto faz com que Campanhã se prejudique pois estas paisagens são sinonimo de marginalidade, droga e pobreza.

Em meados do século XVIII, a industrialização e a expansão das cidades o conceito de centro histórico tomou forma e ganhou razão de ser, uma vez que até aí este era a própria cidade. As indústrias atraíram os camponeses para as cidades, construíram-se novas habitações em novas zonas, abriram-se novos espaços de circulação e as cidades tiveram de se adaptar às novas eras, demolindo espaços antigos, de modo a permitir a introdução de novas infra-estruturas. A definição de um centro histórico revela-se difícil, visto que encerra em si um conceito de património que possui contornos extensos e que, por vezes, parecem ilimitados.

“O centro histórico é uma realidade urbanística e não apenas um conceito, conseqüente do processo de expansão e transformação urbana. Antes do aparecimento da cidade industrial, o centro histórico era a própria cidade, sendo uma estrutura urbana geralmente delimitada por muralhas que a circundavam...”

Varas, 2000

É claro que a definição de centro histórico acima apresentada não é única nem universal e depende muito do contexto histórico.



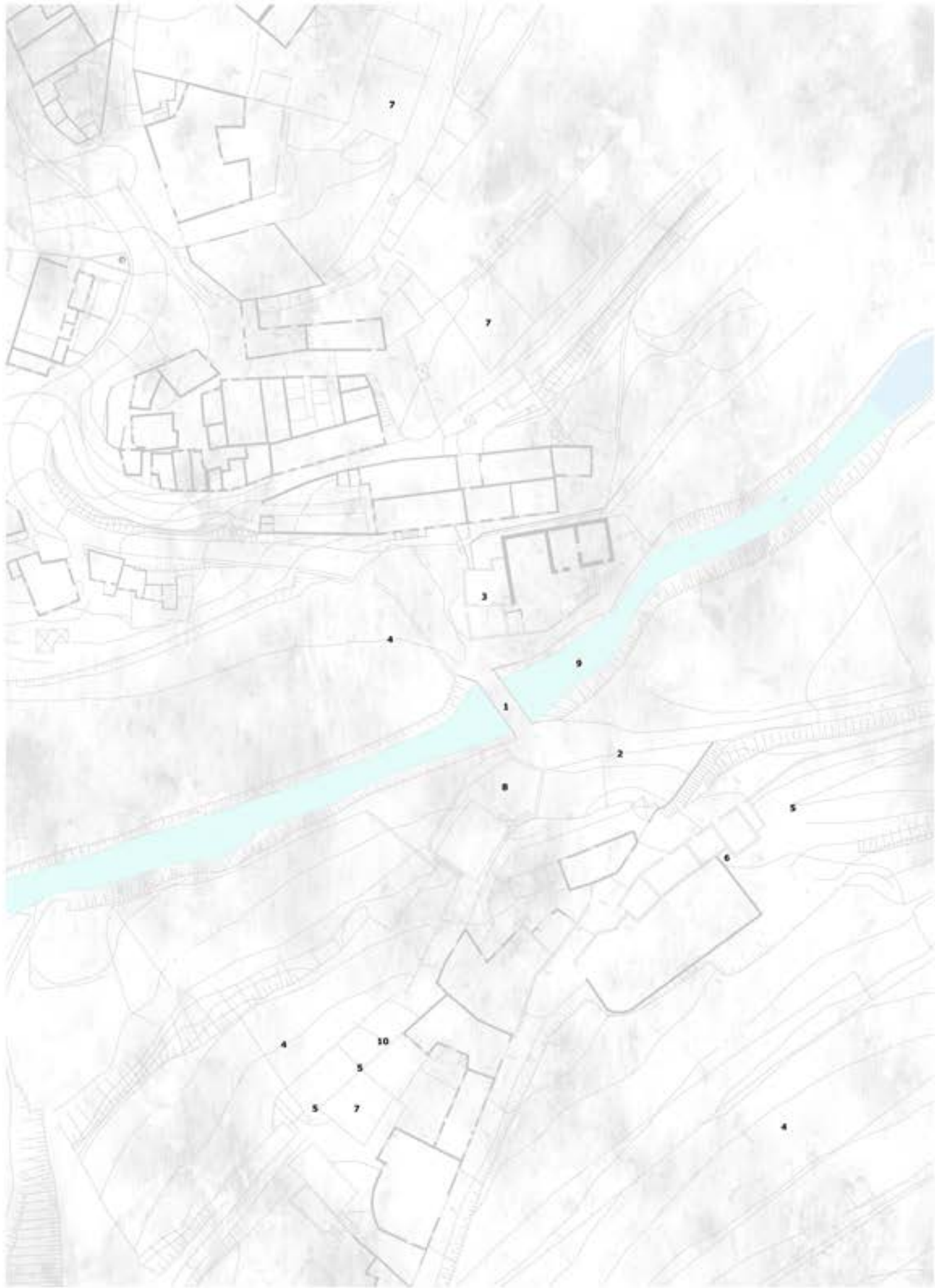
PARQUE ORIENTAL DA CIDADE DO PORTO

O Parque Oriental da cidade do Porto, situado na freguesia de Campanhã com uma área aproximadamente de 10 hectares, com projecto inicial previsto de 53 hectares ao fim de várias intervenções.

A área ocupada, uma primeira fase de construção foi inaugurada em Julho de 2010 desenvolvendo-se ao longo das linhas do Rio Tinto. Projecto este projectado pelo mesmo autor do Parque da cidade, arquitecto paisagista Sidónio Pardal. Arquitecto Sidónio Pardal consistia transformar um espaço compartimentado, num espaço contínuo, natural com caminhos onde os habitantes pudessem passar os tempos livres em pleno descanso com a natureza.

Contribuindo para o melhoramento de qualidade de vida dos habitantes observando que cada vez mais o parque é atração para fins académicos.

O parque encontra-se em bom estado de conservação e aparenta semelhanças ao parque da cidade do Porto embora apresenta características diferentes a nível de vegetação e aproveitamento dos cursos de água, como o canal de Rio Tinto.



PEGO NEGRO
1 - PONTE
2 - FONTE
3 - MONHIO
4 - RAMADAS
5 - TANQUE
6 - FORNO
7 - EIRA
8 - LAGARES
9 - RIO TINTO
10 - POÇO
PARQUE ORIENTAL

MAPA 3



A CONSERVAÇÃO DE UM NÚCLEO HISTÓRICO: SISTEMA DE CONSTRUÇÃO

Nesta aldeia de intervenção, aldeia de Pego Negro o tipo de construção utilizada é a construção tradicional da região.

O sistema de construção varia de construção para construção, cada uma é diferente da outra, se numa é preciso um pilar num determinado lugar, numa construção idêntica pode já não ser preciso um, mas sim dois, tudo isto para dizer que cada construção é uma diferente de outra.

Se numa construção já existente “tem o que tem” é porque tem uma justificação e era necessário ser assim e não ser de outra maneira.

Estudar construções já existentes é perceber o modo mais tradicional e resposta aos problemas em questão.

A arquitetura vernácula em Portugal, varia as duas características de região para região devido ao clima que se vive nas diferentes regiões do País, problemas diferentes, respostas em construção diferentes.



RUÍNA

A partir do século XVIII, na Europa Ocidental, procurou-se o conhecimento através das ruínas, através da sistematização da Arqueologia como ciência que se dá no local, através das escavações. As ruínas da antiguidade, começam a ganhar um novo lugar e uma nova dimensão nas obras de arquitetos.

Historicamente, até ao século XVIII, ruína queria dizer ruína romana, valorizada não por ser interiormente “bela” no seu estado de decadência, mas por remeter a uma forma íntegra idealizada, marcando as consequências avassaladoras da passagem do tempo.

Para nós arquitectos, as obras do passado nunca estão arruinadas nem se caracterizam como meras memórias desaparecidas. A ruína está viva e expectante provocando o desafio da descoberta de novos objectivos ao objecto existente.

“Testemunho do poder destrutivo do tempo e do triunfo da natureza sobre a cultura, as ruínas conferem todavia à paisagem uma marca humana que as contém, abrindo-a para uma dimensão histórica. Tal como as peças de coleção, com as quais se assemelham pela falta de utilidade, as ruínas podem, na maior parte dos casos, desempenhar o seu próprio papel graças à imaginação que vê nelas um signo de acontecimentos do passado, investindo-as assim de valores particulares. As ruínas tornam-se portanto, fontes para o conhecimento histórico que, através de um processo de pesquisa que as leva à atribuição, extra, os dados relativos aos seus artífices. Ruína é também metáfora de caducidade e de finitude...”

CARENA, Carlo - Ruína-Restauro, Enciclopedia Einaudi, 1984. p.129.

A ruína resulta de um processo onde o tempo é influenciador para desgastar a matéria. Um processo de degradação e reconstrução permanente e que age sobre todos os elementos, Arquitetura e natureza.

As ruínas são assim etapas de um percurso maior em que a Arquitetura que tenta ser natureza se torna parte da mesma pelos processos de arruinação e fragmentação.

O fim de toda a Arquitetura é tornar-se num objeto desgastado pelo tempo que se vai aproximando da condição inicial e possivelmente de uma condição total da natureza.

A paisagem resulta da relação da ação do Homem com a natureza, originando um novo conjunto paisagístico. Esta representação, fabricadada natureza que entra em contacto com a humanização da mesma, relaciona-se constantemente com a ruína.

A ruína é o elemento que permite unificar a natureza e a Arquitetura e, conseqüentemente, a imagem urbana também é fruto da ação do tempo, esta é paisagem, a natureza vista através de uma cultura. São formas que remetem para o passado, não têm necessariamente que lhe pertencer. Estes fragmentos de outras épocas são essenciais para a sustentabilidade “emocional de uma sociedade”, determinam que a partir destes se possam inventar ou imaginar memórias coletivas.

As ruínas acumulam um conjunto de contradições temporais e históricos e sua destruição é uma memória da passagem do tempo.

A ruína projeta-nos para a frente no tempo, prevê um futuro em que o nosso tempo presente cairá numa ruína semelhante. As ruínas, apesar do seu estado de decadência, fazem parte de uma longa história de fragmentos, mas é um fragmento com um futuro. A ruína pode ter significado ou pode continuar a ter significado num futuro.

A ruína pode ser comparada à natureza enquanto pedaço de Arquitetura que resta e se degrada. Tal como a montanha pode ser comparada a uma grande “ruína da natureza” que é “nua e vertical, corroída e manchada, desordenada e informe, velha”. BURNETT, Thomas - Ruína-Restauração, Enciclopédia Einaudi, 1984. p. 111.

CASOS DE ESTUDO

Como forma de melhor compreensão do tema, foi necessário a análise de obras já construídas que tenham por base ruínas para melhor compreender não só a aplicação prática, mas também o que os seus arquitetos pensaram sobre o tema.

A escolha das obras foi feita de modo a análise de casos distintos e simultaneamente a sua comparação e possíveis associações, entre eles, para daí poder tirar respostas que permitam a compreensão desta problemática. A escolha dos casos de estudo recaiu sobre arquitetos portugueses. Nesta escolha é também tido em conta o facto de estarmos perante obras que, pelas suas dimensões ou pensamento, se assemelham à proposta a ser trabalhada, e que demonstram à primeira vista uma relação intensa tanto com a ruína como com a paisagem.

Integram-se os exemplos de Mosteiro de Santa Maria do Bouro em Amares do arquitecto Eduardo Souto Moura e do Convento de Santa Marinha da Costa, Guimarães do arquitecto Fernando Távora. Pretende-se analisar, nas intervenções, a sua relação com a ruína e a paisagem, e os temas construtivos, recorrendo a elementos de projeto.

Com base neste suporte teórico e prático, pretende-se estudar o modo como se relaciona a ruína com a paisagem e a ruína com a nova intervenção.

"a memória onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro."

LE GOFF Jaques; Memória in Enciclopédia Einaudi - Volume 1, Memória Histórica.

Este tema levou-me à procura de novos reconhecimentos de teorias do arquitecto francês Viollet-le-duc¹ que tinha como conceito a recuperação da pré existência como ela teria sido na sua origem, em busca do valor patrimonial, e do crítico John Ruskin que considerava a a intervenção em património como uma violação natural na vida de um edifício. Podemos concluir que John Ruskin ao contrário de Viollet-le-duc, encarava a ruína como o último momento no tempo, tendo uma atitude de não intervencionista.

O pensamento de Ruskin vincula-se ao Romantismo, movimento literário e ideológico (final do século XVIII até meado do século XIX), e que dá ênfase a sensibilidade subjetiva e emotiva em contraponto com a razão. Esteticamente, Ruskin apresenta-se como reação ao Classicismo e com admiração ao medievalismo. Na sua definição de restauração dos patrimónios históricos, considerava a real destruição daquilo que não se pode salvar, nem a mínima parte, uma destruição acompanhada de uma falsa descrição.

¹ Eugène Emmanuel Viollet-le-Duc (foi um arquitecto francês ligado à arquitectura revivalista do século XIX e um dos primeiros teóricos da preservação do património histórico. Pode ser considerado como um precursor teórico da arquitectura moderna.

² John Ruskin (Londres , 8 de fevereiro de 1819 – 20 de janeiro de 1900) foi um escritor mais lembrado por seu trabalho como crítico de arte e crítico social britânico. Foi também poeta e desenhista. Os ensaios de Ruskin sobre arte e arquitectura foram extremamente influentes na era Vitoriana, repercutindo até hoje.



**Intervenção no Mosteiro de Santa Maria do Bouro em Amares,
Arquitecto Eduardo Souto Moura**

“Construí um edifício novo com paredes antigas (...). Quando comecei percebi, juntamente com os arqueólogos, que o mosteiro era feito de sobreposições, comprovando que o património acaba sempre por ser feito por atentados ao património... A partir daí foi-me mais fácil materializar a ideia: fazer renascer o mosteiro como uma estrutura do século XX, no respeito pela História (...)”

Guia das Pousadas e Hotéis de Sonho. Lisboa: Ed. Expresso, 2001. Vol. 1, p.53.

Arquitecto Souto Moura responsável pela reconversão do Convento de Santa Maria do Bouro numa pousada, em Amares Braga.

Souto Moura projecta com a intervenção na pré existência, fazendo com que a ruína adquira um novo momento no tempo. O edifício foi assumido como material livre e disponível para ser reinterpretado ou recolocado num novo contexto.

À semelhança do arquiteto francês Viollet-le-Duc, (foi um arquiteto francês ligado à arquitectura revivalista do século XIX e um dos primeiros teóricos da preservação do património histórico. Pode ser considerado como um precursor teórico da arquitectura moderna) Souto Moura assume a ruína como um ponto de partida para uma nova vivência e não como um momento no tempo.

“O projecto tenta adaptar, ou melhor, servir-se das pedras disponíveis para construir um novo edifício. Trata-se de uma nova construção onde intervêm vários depoimentos e não da recuperação do edifício na sua forma original. Para o projecto as ruínas são mais importantes que o ‘mosteiro’, já que são material disponível, aberto, manipulável, tal como o edifício o foi durante a história.”

MOURA, Eduardo Souto, “Reconversão do mosteiro de Santa Maria do Bouro numa pousada”, em Santa Maria do Bouro, op. cit., p.5



Intervenção do Convento de Santa Marinha da Costa, Guimarães
Arquitecto Fernando Távora

“...pretendeu-se aqui um diálogo, não de surdos que se ignoram, mas de ouvintes que desejam entender-se, afirmando mais as semelhanças e a continuidade do que cultivando a ruptura.”

Fernando Távora, citado em Fernando Távora, Lisboa: Blau, 1993, p.116

Arquitecto Fernando Távora é o responsável pelo projecto da Pousada de Santa Marinha situado na encosta da Penha. Esta recuperação foi integrada à rede de Pousadas em Portugal classificada como “ Pousada Histórica” instalada no antigo convento fundado no século XII.

Esta intervenção é testemunho de um novo conceito da valorização do património que atribui um novo valor criativo ao construído, incluindo uma ideia de protecção capaz de dar a continuidade da vida e do espaço através da interpretação que faz de cada obra em cada lugar.

“No longo processo de recuperação da pousada um rigorosíssimo estudo arqueológico está na origem da naturalidade e da heresia da “nova arquitectura” que ultrapassa a condição de acréscimo ascendendo a parte integrante da História de uma poderosa estrutura em lenta e continua transformação”. Este comentário de Siza esclarece o objectivo que Távora sempre se esforçou por atingir: “inserir, dialecticamente a sua arquitectura num processo de continuidade formal e temporalmente extenso, dominando as variantes desse mesmo processo, à semelhança do ocorrido ao longo da história dos nossos edifícios, sucessivamente transformados e enriquecidos através de novas contribuições arquitectónicas que mantêm um espírito comum”.

“Tradição e modernidade na obra de Fernando Távora”, Fernando Távora, op. cit.,

ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO PARA O NÚCLEO HISTÓRICO DE PEGO NEGRO

Observando as paisagens de total degradação dos edifícios, verifica-se uma grande debilidade na maioria dos moradores na vida económica. Num território onde cerca de metade das habitações estão desabitadas e as que são habitadas não têm condições para tal.

Com isto pretende-se uma estratégia de reabilitação do núcleo histórico de Pego Negro, com valor patrimonial, requalificar as paisagens demonstrando o verdadeiro aspecto da aldeia com uma arquitectura diferente mas ao mesmo tempo distinta, não fugindo as marcas da vida anterior em Pego Negro.

O núcleo de Pego Negro encontra-se em grande degradação e a cada dia que passa a Natureza vai tomando conta disso, fazendo com que a pouca população que lá reside viva com poucas ou nenhuma condições. Pego Negro mostra-se com necessidade de preservação do valor patrimonial ali existente.

Uma das questões a que levaram à intervenção neste território foi a falta de visitas ao Parque Oriental da Cidade do Porto que passa como despercebido e conhecido como um lugar perigoso. Em tempos actuais, a nossa vida não se limita a contagem de tempo que passa e não volta mais.

A intenção deste projecto é trazer uma estratégia de reabilitação ao território em questão, depois das marcas da força da Natureza concebendo um equipamento e uma casa. O equipamento ligado aos moradores de Pego Negro e aos visitantes do lugar com espaços práticos e essenciais para uma tipologia deste tipo, organizando-se com uma sala de convívio, um pequeno bar de apoio ao equipamento, instalações sanitárias e um espaço de arrumos.

A casa é também um projecto com espaços práticos e essenciais, também com o mesmo tipo de material que o equipamento o betão branco, mas com a diferença da existência de muros em pedra da região em encontro das tonalidades existentes. Interiores como o mobiliário e pavimento em madeira pinho com o contraste do branco das paredes.

O programa apresentado visa dar liberdade aos moradores tendo em vista o parque oriental da cidade do Porto, próximo às habitações e ao equipamento de apoio tanto ao parque oriental como aos moradores de Pego Negro.

É preciso alguém intervir na destruição dos lugares escondidos do Porto para que esses lugares possam vir a viver de novo o que já lá foi vivido.

Habitar a Paisagem do Pego Negro não é apenas habitar o interior mas viver no território e à paisagem envolvente.

CONCLUSÃO

Em tempos actuais, a nossa vida não se limita a contagem de tempo que passa e não volta mais.

A reabilitação urbana é essencial nos tempos de hoje para devolver a atratividade, aos grandes centros urbanos e lugares esquecidos de enorme valor.

No decorrer de muitos anos, a preservação e conservação do património arquitetónico, não impediu a existência de uma tendência para a proteção e salvaguarda de elementos edificados isolados, como por exemplo dos monumentos. Hoje em dia, podemos observar que esta tendência em Portugal como na maior parte dos países é assumida a importância da reabilitação urbana nas suas diferentes dimensões.

A reabilitação urbana pode assumir um papel bastante, através de uma intervenção dinâmica no lugar, procurando originar um crescimento a nível populacional e promover o desenvolvimento económico da área envolvente. Neste caso, não podemos esquecer que os nossos aglomerados rurais vão assistindo à degradação dos seus edifícios e dos seus espaços exteriores, uma degradação decorrente.

As construções antigas são entidades com valores culturais, sociais, ambientais, económicos e tecnológicos, que o projeto tem de considerar e integrar, construindo com o construído. Importa identificar os elementos arquitetónicos essenciais que materializam a sua identidade e descodificar as suas mudanças evitando o desaparecimento de valores.

Projectar neste contexto implica, documentar com rigor o existente, esclarecer e fundamentar o depois. Uma reabilitação bem sucedida é apenas uma das muitas intervenções que ocorrerão num edifício antigo a que seja dado um novo futuro.

Projetar sobre o construído implica representar e desenhar a preexistência e fundamentar a coerência das alterações propostas, conjugando todas as intervenções de especialidade, procurando um fio condutor entre novo-antigo.

Cada lugar tem a sua memória e cada projecto deve ser pensado em função disso.

ÍNDICE DE MAPAS

INÍDICE MAPAS

MAPA 1 - Mapa de localização do Distrito do Porto, autoria Mariana Marinho

MAPA 2 - Mapa de localização do Núcleo histórico de Pego Negro, autoria Mariana Marinho

MAPA 3 - Mapa de levantamento fotográfico de Pego Negro, autoria Mariana Marinho

INÍDICE IMAGENS

IMAGEM 1 - Chegada a Pego Negro, autoria de Mariana Marinho

IMAGEM 2 - Foto google maps, localização de Pego Negro - <https://www.google.pt/maps/place/Rua+do+Pego+Negro,+Porto/@41.1584212,-8.5653206,600m/data=!3m1!1e3!4m8!1m2!2m1!1spego+negro+!3m4!1s0xd24637988e57c6b:0xad76bfdaaf5e788c!8m2!3d41.1584212!4d-8.5631319>

IMAGEM 3 - autoria Mariana Marinho

IMAGEM 4 - Laboratorio da paisagem, Guimarães - https://www.google.com/search?q=laboratorio+da+paisagem+guimaraes&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiLxJ746dfjAhViqHEKHXBADrgQ_AUIEigC&biw=2304&bih=1083

IMAGEM 5 - autoria Mariana Marinho

IMAGEM 6 - autoria Mariana Marinho

IMAGEM 7 - autoria Mariana Marinho

IMAGEM 8 - Pousada Santa Maria do Bouro - https://www.google.com/search?biw=2304&bih=1083&tbm=isch&sa=1&ei=qBE9XfueEP6h1fAP5IaRmAM&q=santa+maria+do+bouro&oq=santa+maria+do+bouro&gs_l=img.3..0l2j0i5i30l2j0i24l4.94632.101571..101746...2.0..1.300.3945.42j2j1j1.....0....1..gws-wiz-img.....0..0i67j0i-30j0i8i30.FvX-WjDSpIY&ved=0ahUKEwi7l5SB6tfjAhX-UBUIHWRDBDMQ4dUDCAY&uact=5

IMAGEM 9 - Pousada de Santa Marinha - https://www.google.com/search?biw=2304&bih=1083&tbm=isch&sa=1&ei=UrI9Xe60MuLB8gKqzIpI&q=pousada+de+santa+marinha&oq=pousada+de+santa+marinha&gs_l=img.3..0l3j0i24l2.3603.24118..24278...8.0..1.213.1947.23j0j1.....0....1..gws-wiz-img.....0i67j0i8i30.wOEwC-5QQhRk&ved=0ahUKEwjupYHS6tfjAhXioFwKHSqmAgkQ4dUDCAY&uact

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

CANNATÀ, MICHELE, FERNANDES, FÁTIMA, Construir no Tempo: Souto Moura, Rafael Moneo, Giorgio Grassi. Lisboa. Ed. Estar, 1999.

VIOLLET-LE-DUC, EUGÉNE, Restauração em Dictionnaire raisonné de l'architecture française du XI su XVI Siécle. Paris: A. Morel, 1866

TOMÉ, Miguel - Património e restauro em Portugal (1920-1995). Porto : FAUP publicações, 2002. p494

TRIGUEIROS, Luíz, ed. [et al.] - Eduardo Souto de Moura. Lisboa : Blau, 1994. 216 p.

TRIGUEIROS, Luíz, ed. [et al.] - Fernando Távora. Lisboa : Blau, 1993. 216 p.

Pousadas de Portugal - Pousada de Santa Maria do Bouro. 2ªed. Lisboa : ENATUR, 2000. 48 p. ISBN 972

WEBGRAFIA

WEBGRAFIA

<https://www.google.pt/maps/place/Rua+do+Pego+Negro,+Porto/@41.1584212,-8.5653206,600m/data=!3m1!1e3!4m8!1m2!2m1!1spego+negro+!3m4!1s0xd24637988e57c6b:0xad76bfdaaf5e788c!8m2!3d41.1584212!4d-8.5631319>

<https://www.jn.pt/live/reportagens/interior/sobreviver-no-bairro-do-pego-negro-3664851.html>

<http://www.cm-porto.pt/jardins-e-parques-urbanos/parque-oriental-da-cidade>

<http://www.porto24.pt/comunidade/parque-oriental-parque-esquecido/>

<https://observador.pt/2015/01/18/pego-negro-fica-no-porto-mas-parece-ser-no-fim-mundo/>

<http://www.cm-porto.pt/jardins-e-parques-urbanos/parque-oriental-da-cidade>

<https://www.google.com/search?q=violet+le+duc&oq=violet+le+duc&aqs=chrome..69i57j0l5.6052j1j4&sourceid=chrome&ie=UTF-8>

<https://www.archdaily.com.br/br/769336/reconversao-do-convento-de-santa-maria-do-bouro-numa-pousada-eduardo-souto-de-moura-plus-humberto-vieira>

<http://cannatafernandes.com/PT/built/landscape-laboratory/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/John_Ruskin

https://pt.wikipedia.org/wiki/Eug%C3%A8ne_Viollet-le-Duc

<http://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/17497/material/aula%20Le%20Duc%20-%20Ruskin.pdf>

https://www.google.com/search?q=convento+santa+maria+do+bouro&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwj7i9H48ozjAhVHBGMBHUOgAyQQ_AUIECg-B&biw=2048&bih=898#imgsrc=I6K2xschIslxjM:

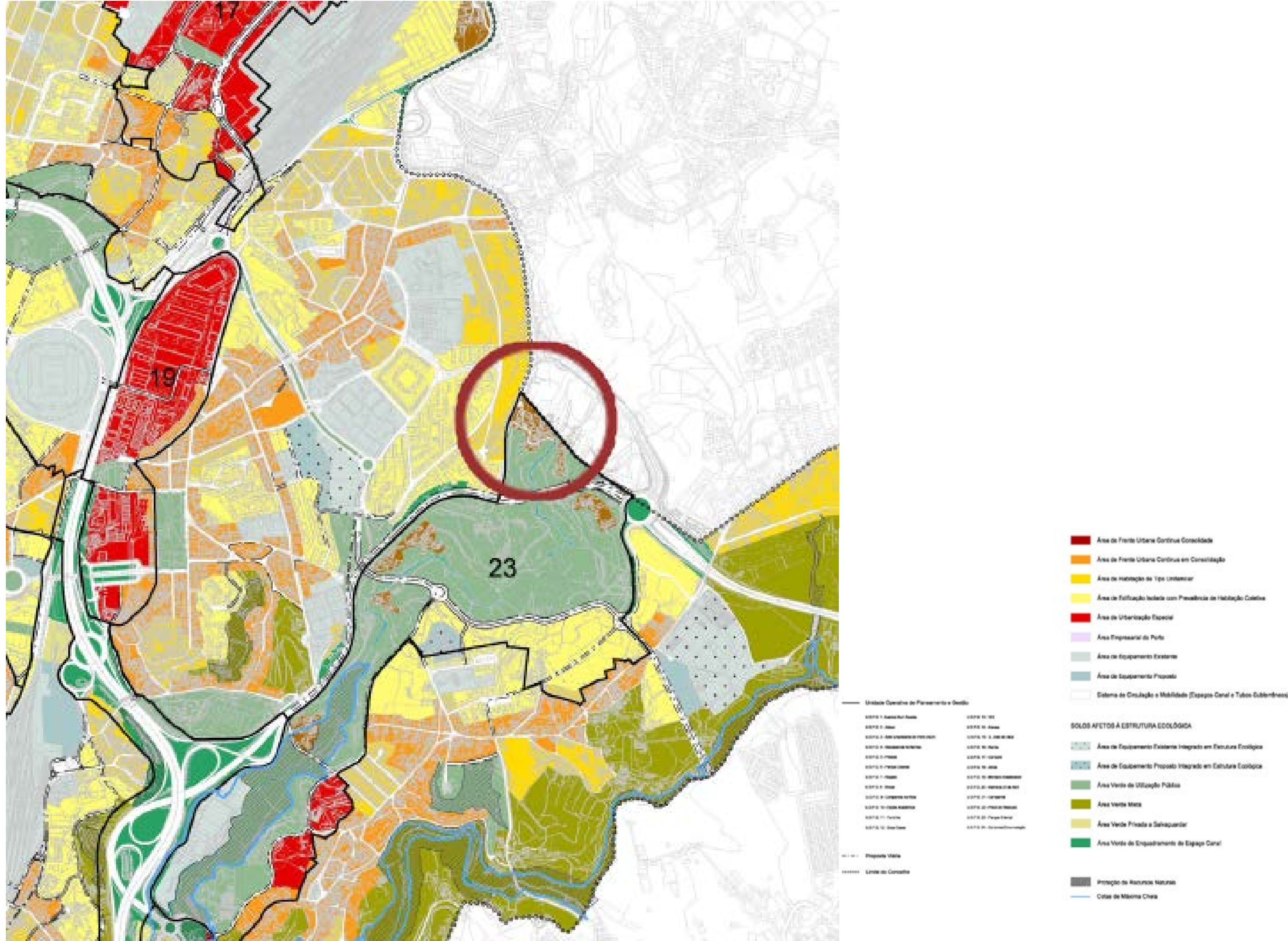
<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/07.074/3087>

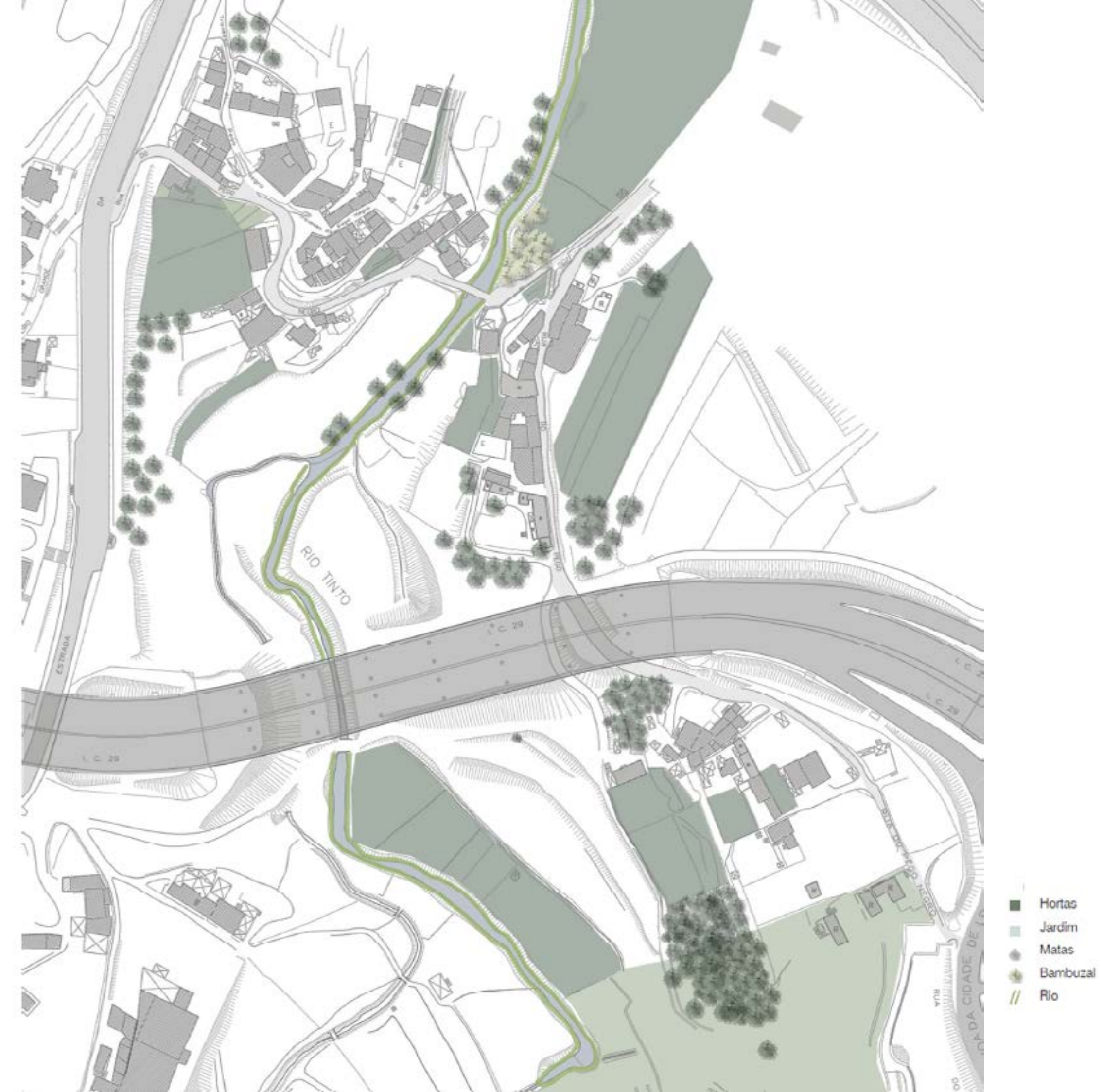
<https://www.archdaily.com.br/br/769336/reconversao-do-convento-de-santa-maria-do-bouro-numa-pousada-eduardo-souto-de-moura-plus-humberto-vieira>

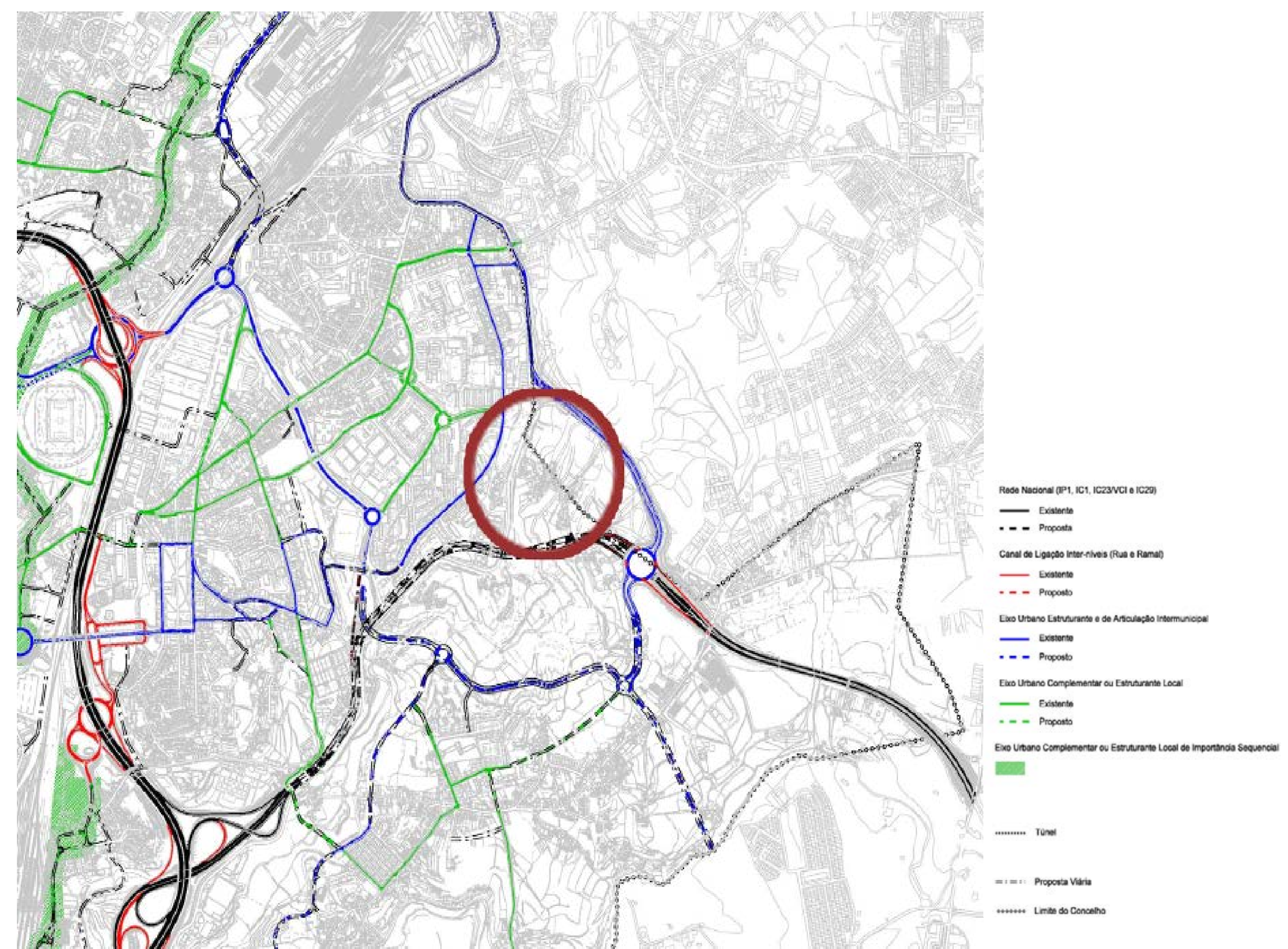
https://pt.wikipedia.org/wiki/Eduardo_Souto_de_Moura



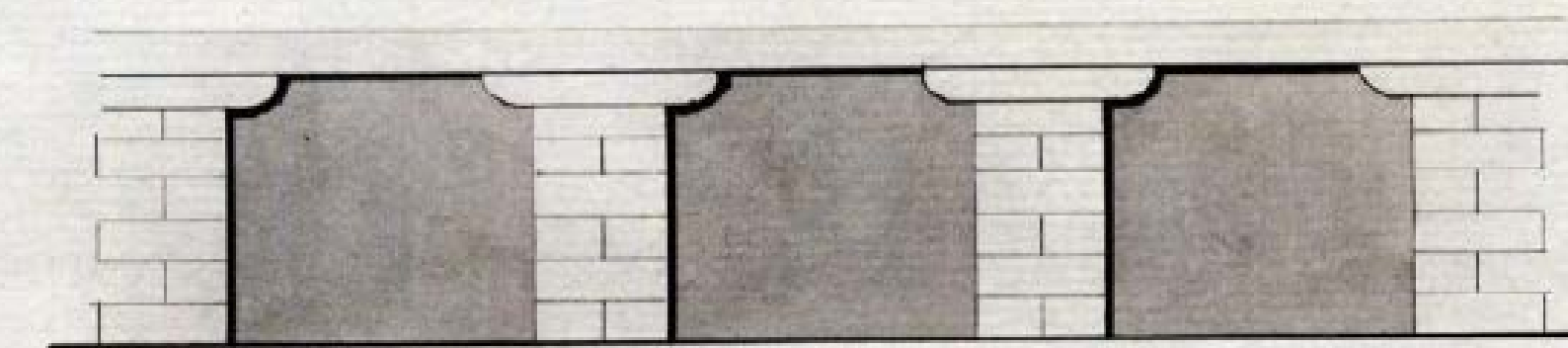
Planta histórica de 1982



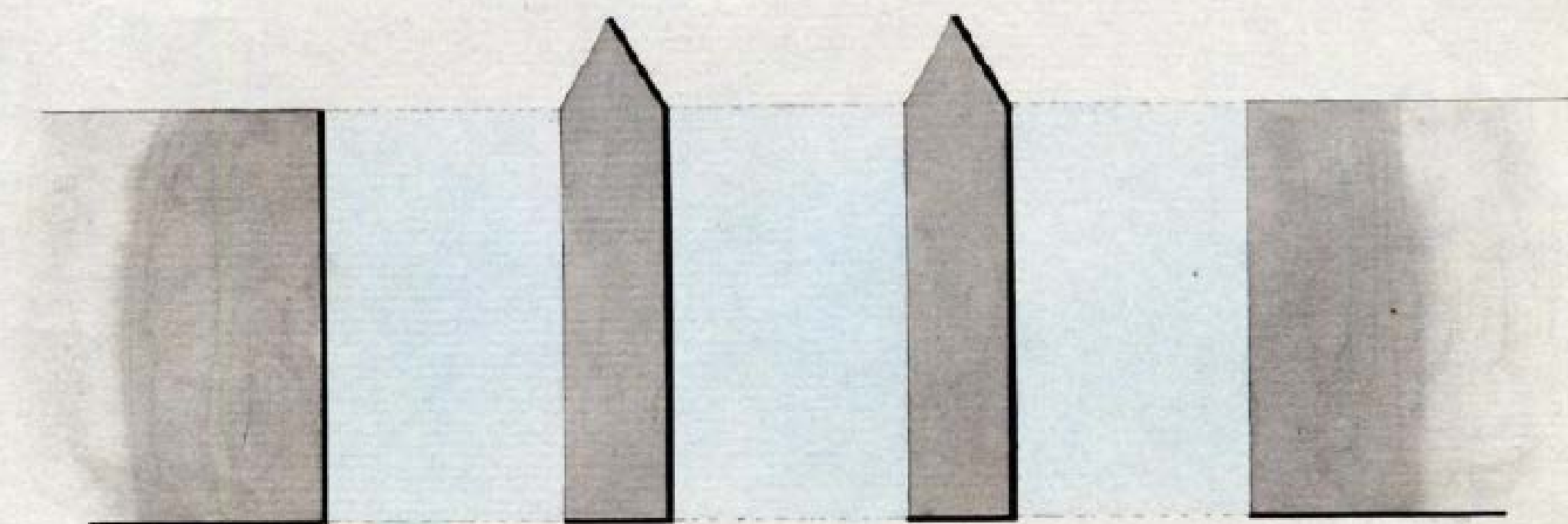








Elevação.



Planta baixa.



